

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

**A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO ENSINO DA IDADE MÉDIA: UMA
VISÃO TURVA**

PEDRO HENRIQUE ROSA

**ANÁPOLIS
2015**

PEDRO HENRIQUE ROSA

**A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO ENSINO DA IDADE MÉDIA: UMA
VISÃO TURVA**

Artigo apresentado à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária sob a Orientação do Prof. Dr José Jivaldo Lima.

ANÁPOLIS

2015

PEDRO HENRIQUE ROSA**A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO ENSINO DA IDADE MÉDIA: UMA VISÃO TURVA**

Artigo apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis – GO, 19 de setembro de 2015.

APROVADA

EM:

_____/_____/_____/NOTA_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Jivaldo Lima.
Orientador

Prof^a. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.
Membro do corpo docente.

Prof. Me. Halan Bastos Lima.
Membro do corpo docente.

A INFLUÊNCIA DA IGREJA NO ENSINO DA IDADE MÉDIA: UMA VISÃO TURVA

Pedro Henrique Rosa¹

Dr. José Jivaldo Lima²

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo identificar o surgimento das escolas e universidades na Idade Média, analisando a influência da Igreja Católica no processo de conservação e reestruturação do ensino já existente neste período. Ao decorrer deste trabalho, ocorre uma abordagem referente a influencia do ensino clássico e a forma que o mesmo se consolida durante a Idade Média, formando um núcleo de intelectuais, e fundando as universidades, em um momento onde o saber acaba por se disseminar por todo meio medievo. Merece destacar que, por meio de uma metodologia baseada na revisão bibliografia que se baseia em fontes convencionais e virtuais, ocorre a quebra da visão de atraso e ausência de “modernidade” referente à Idade Média, onde se tem uma abordagem real de tal período, apresentando todos os fatores que ligam a Idade Média a preservação e salvação do ensino e moldes ocidentais.

Palavras Chaves: Idade Média, Ocidente, Ensino, Igreja Católica.

1) INTRODUÇÃO

O ensino sempre veio a ser peça fundamental de todas as grandes sociedades. Desde os primórdios, a humanidade se viu envolta em uma grande teia de conhecimento, onde, diversas vezes, novas descobertas traziam avanços ou retrocessos.

Julgando que tal assunto ainda gera duvidas e inquietações, gerando assim

¹ Graduado em História pela UEG e Pós Graduando em Docência Universitária pela Faculdade Católica de Anápolis.

² Dr. Em Filosofia pela PUC RS e Pós Graduado em Direito Processual Cível pela Universidade Gama Filho.

pontos a serem esclarecidos, a proposta deste trabalho consiste em um entendimento de tal temática, sendo intitulada a mesma de “A Influência da Igreja Católica no ensino da Idade Média: Uma visão turva”, a qual se propõe analisar todo o processo de construção e consolidação do ensino durante o período citado.

Visando facilitar a compreensão, o assunto em questão aborda a seguinte ordem em tópicos: no primeiro, tem-se uma abordagem que se pauta inicialmente sobre a influência do ensino clássico no meio medieval e a sua consolidação no mesmo. Em seguida, buscando argumentar sobre o foco do ensino, tem-se uma abordagem referente ao surgimento do intelectual no meio medieval e a criação das universidades, que agora passam a se tornar referências como centros do saber. Os últimos dois tópicos, tratam sobre a visão contraditória que é passada acerca da Idade Média desmistificando a visão de atraso e apresentando a uma visão realista sobre a mesma. E ao final, algumas rápidas considerações são apresentadas destacando os pontos que geram a conclusão de tal pesquisa.

2. ENSINO E EDUCAÇÃO NA IDADE MÉDIA.

2.1 O INÍCIO E A INFLUÊNCIA DO ENSINO CLÁSSICO.

A educação e o ensino clássico até os dias atuais, trazem consigo toda a importância histórica e, conseqüentemente, sua herança, que a cada dia gera mais frutos nos dias atuais. Para abordar sobre sua importância, é necessário compreender todo o processo de conservação pelo qual esse ensino e essa educação passaram. Sendo assim, seus pilares já se encontravam prontos, porém, precisaram ser mantidos. Tal fato veio a ser desenvolvido pela Igreja Católica, mas deve ser entendido o que a mesma veio a preservar.

Na introdução do livro *Paidéia*, Jaeger Werner cita que uma educação consciente pode trazer uma série de mudanças na natureza do homem e em suas qualidades, elevando o mesmo a um nível superior. Tal afirmação pode ser totalmente confirmada ao se observar o modo que a educação grega era conduzida.

(WERNER 1995.)

A educação na Grécia tinha como objetivo buscar uma formação total do ser humano. Adaptava-se ao mesmo e às suas condições. Dentre os mais famosos exemplos, encontra-se as cidades estados Atenas e Esparta, os dois mais famosos modelos de educação, onde ambos focavam e buscavam o desenvolvimento total de seus indivíduos. Mesmo com suas diferenças, ambos tinham por objetivo uma formação completa.

É válido ainda, mostrar que existe uma nobreza de formação na educação grega, que vem desde os primeiros centros de ensino, seguindo até os tempos da escola platônica. Para tanto, dois dos mais famosos poemas gregos, a Ilíada e a Odisséia, acabam por se fixar nesses e em outros elementos que viriam a ser buscados ao longo do tempo. (GROSS 2008)

Ainda sobre a importância do ensino e da educação, conclui-se que:

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciencia dos valores que regem a vida humana a história da educação esta essencialmente condicionada pela transformação dos valores validos para cada sociedade. (WERNER, 1995, p.4)

Além disso, na antiguidade, temos um grande número de informações voltadas a pedagogia, onde pode-se concluir que, o ensino da política, da retórica e também da matemática, eram prioridades, que em geral, eram exercidos pelos sofistas que acabavam por receber a tutela por tal serviço. (OLIVEIRA SILVA, 2005)

Vale ainda ressaltar que, ao longo do tempo, o ensino clássico veio a incorporar uma série de elementos que marcaram os séculos seguintes nos quais o ensino viria se fazer presente. Dentre tais elementos temos a ética, a estética, o divino e o humano, que podem de fato a ser vistos presentes nos poemas gregos, contribuindo para o grande fascínio ao longo da história. (GROSS, 2008.)

Os elementos citados viriam a formar toda uma identidade do ensino clássico. Tempos depois, os mesmos elementos seriam difundidos nas escolas gregas, onde se desenvolveriam ainda mais. É certo citar nesse processo sobre a influência da Escola Platônica, visto que não só o ensino, mas toda “a cultura antiga que a religião cristã assimilou e a qual se uniu para entrar, fundida com ela na Idade Média, era uma cultura inteiramente baseada no pensamento platônico”. (WERNER, 1995, p.

581)

A importância do ensino clássico é inegável, mostrando que o mesmo perdura em diversos aspectos até os dias atuais. Para que isso viesse de fato, foi necessário a preservação e a consolidação do mesmo durante toda a Idade Média. Sendo assim, em seguida, gerar o contato do dito “homem moderno” com todo esse ideal de ensino, para então seguir o curso histórico até os dias atuais.

2.2 A CONSOLIDAÇÃO DO ENSINO NA IDADE MÉDIA.

O processo de consolidação do ensino no meio medievo se deu em meio um lento processo e se mostrou ligado a uma série de agentes. É importante entender todo o contexto o qual se encontrava o que restara do Império Romano, para que então possamos detalhar a consolidação do ensino.

Existe uma gigantesca teia de informações repleta de detalhes, datas e nomes, que levam algum tempo para serem organizadas. Dentre as informações básicas, temos a grande questão da migração dos povos ao redor das fronteiras do Império Romano no século II, e, por volta do século IV, veio as primeiras invasões que culminaram durante todo o século V. Após a primeira onda de invasões, toda a sociedade volta a se normalizar e iniciar um processo de consolidação cultural. (WOODS JR, 2010)

É impossível não fazer referência a esse momento histórico, com a questão do surgimento da Idade Média, visto que tal nome não representa o contexto de sua época. Sobretudo, podemos nos apoiar nas ideias que marcam a queda do Império Romano e, conseqüentemente, iniciam a Idade Média.

Para essa explicação e contextualização, vale citar sobre as três correntes existentes que apresentam suas explicações para a queda do Império Romano, onde, por meio da explicação de Marcos Emílio Ekman Faber (2010), temos a corrente internalista que se firma na ideia de problemas estruturais do Império Romano, nos quais fatores internos levaram a queda do mesmo.

Em seguida, temos a corrente externalista, que usa como justificativa a cristianização do Império acompanhada com as invasões bárbaras. Logo, fatores externos levaram a ruína. E, a terceira e última corrente, que é a conciliadora que busca combinar as causas internas e externas para então conciliar sua explicação. (EKMAN FABER. 2010).

Por base nesse conceito, inicia-se uma dita explicação nos voltando ao ponto que as invasões bárbaras foram um dos fatores que levaram a queda de Roma e, conseqüentemente, foram o fator final que de fato decretou a queda do Império Romano do Ocidente. Tal fato quebrou a estrutura existente naquela sociedade, impondo assim, a configuração de uma nova estrutura que veio a ser organizada pela Igreja Católica.

Após a primeira onda de invasões, que se situaram entre os séculos IV e V, a Igreja viu sua oportunidade em meio a calmaria de iniciar um processo de consolidação, onde teria, como objetivo, fincar seus alicerces rumo a uma civilização em que a mesma se tornaria responsável pela criação de uma nova mentalidade.

Os séculos VI e VII, apresentaram um grande atraso, se não, retrocesso intelectual e cultural. Para Woods Jr (2010), a Igreja Católica evitou um declínio total de uma civilização, visto que a mesma manteve a ordem em meio à guerra, o empobrecimento e ruínas de uma sociedade.

É importante citar que, com a queda do Império Romano do Ocidente, havia a falta de um exército que viesse proteger e dar suporte às atividades da Igreja. Sendo assim, era comum a presença de vários povos bárbaros em meio os antigos territórios do império. Dentre os vários povos bárbaros, os Francos eram os mais propensos à fé católica. Para Woods Jr (2010), esse fato era ligado ao ponto que, os Francos não eram adeptos a prática do arianismo - heresia que trava Cristo como um ser superior enviado por Deus - o que motivou uma aproximação entre a Igreja e os Francos.

Com a conversão do monarca franco Clovis, instituiu ainda mais o poder da igreja junto aos francos, visto que a grande maioria dos povos bárbaros mantinham apenas a lealdade como vínculo principal a seus líderes e reis, logo a conversão do monarca levava à conversão de toda sua gente. Sobretudo, durante muitos anos, ocorreu-se uma dualidade, onde vários sacerdotes convertidos ao catolicismo ainda cultuavam seus antigos deuses da natureza, o que gerou certo empecilho à igreja e acabou levando a mesma a uma contínua vigia, onde, além da conversão, era necessário guiar os novos católicos, para assim assegurar a fé. (WOODS JR. 2010)

Sendo assim, temos em base um entendimento de todo o contexto do meio social medievo. Para tanto, o processo de consolidação do ensino surge como um meio de se manter a cultura, onde tal fato foi de suma importância para a manutenção de uma unidade remanescente que viesse a restaurar os antigos

traços e características do Império Romano.

Os séculos seguintes se viram voltados à prática e à evolução da ensino. Em meio a todo esse período de estudos, ocorreram-se novamente os males das invasões. Desta vez, uma nova onda de povos bárbaros, onde vikings, magiares e muçulmanos – todos sitiando Roma entre os séculos IX e X - levaram a quase um novo colapso romano. Nesse processo de recuperação das invasões bárbaras, bispos, monges, padres e estudiosos ligados à Igreja Católica iniciaram uma série de esforços para manter a sociedade.

Para tal processo de recuperação, os monges foram essenciais, visto que, por meio deles, todo o saber adquirido veio a ser reunido e preservado. É importante citar que, muitas vezes, mosteiros eram saqueados e incendiados causando, assim, a perda de diversos volumes. (WOODS JR, 2010)

Os monges exerceram uma função crucial neste período. Em diversas vezes, suas ações demonstravam bondade e preocupação com o próximo, visto que em alguns casos, cidades foram fundadas por conta da atitude de monges em buscarem manter e atender os necessitados em regiões mais distantes.

É certa a contribuição dos monges não somente por meio da educação, pois como é citado por Woods Jr (2010), eles também contribuíram com diversas atividades, como a construção, reparação de pontes, estradas e outros elementos que faziam parte da infraestrutura medieval.

Ao citar o trabalho voltado para o ensino, tais monges se dedicavam a cópia de manuscritos, e o trabalho dos mesmos se caracterizava por conta da constante dedicação e empenho destes nessa atividade, que nas palavras de Woods Jr (2010, p. 39) “ uma tarefa que se destaca por cima de todas as outras como a mais apropriada para a educação religiosa dos homens”.

A figura dos monges, e a do próprio mosteiro, eram de um grande papel cultural, visto que, o conhecimento era reunido nas bibliotecas e, a partir dali, era copiado – por algum monge que se empenhava por dias na transcrição do mesmo - para então depois ser guardado junto as demais obras. A importância dos monges e sua contribuição pode ser exemplificada com os seguintes dizeres de um cronista, apresentados por Woods Jr:

Os monges não apenas fundaram escolas e foram professores, mas também lançaram as bases das futuras universidades. Eram pensadores e filósofos da época, e moldaram o pensamento político e religioso. A eles se

deveu tanto coletiva, como individualmente, que o pensamento e a civilização do mundo antigo passassem para a Idade Média e para o período moderno. (Woods JR. 2010. P.43)

É interessante citar sobre a evolução do processo de ensino na Idade Média e, conseqüentemente, a forma que o mesmo veio a ser difundido. Inicialmente, podemos conceituar que o ensino foi de fato iniciado pela Igreja, que buscou instituir escolas no meio social medieval. Sendo assim, para Pernoud (1997), as crianças frequentavam as escolas, em geral a escola das paróquias em que as mesmas pertenciam, ou então as escolas dos mosteiros mais próximos, que também eram chamadas de escolas monacais.

Com o concílio de Latrão, de 1179, houve a formação e efetivação dos núcleos populacionais, onde, além das escolas, cada igreja deveria manter um cemitério. Quando não se havia o ensino por meio das escolas das Igrejas ou mosteiros, as fundações senhoriais se encarregavam de levar o ensino às crianças, criando assim as escolas privadas, onde os habitantes de uma dada localidade buscavam se associar e manter o sustento de um professor que seria encarregado deste ensino. (PERNOUD, 1997)

O ensino, muitas vezes, era acessível para as crianças, porém, as dificuldades do meio medieval geravam empecilhos para que as mesmas viessem a frequentar as escolas ou centros de ensino.

Sobre a figura da criança em meio ao ensino, é necessário considerar que haviam critérios para a admissão da mesma e, em geral, havia a separação entre meninos e meninas, ainda em Pernoud, podemos exemplificar isso:

A criança era aí admitida com sete ou oito anos de idade e o ensino que preparava para os estudos da Universidade estendia-se como hoje por uma dezena de anos; são os números que o abade Gilles le Muisit dá. Os rapazes eram separados das raparigas, que tinham em geral, os seus estabelecimentos particulares, menos numerosos talvez, mas onde os estudos eram por vezes muito activos. (PERNOUD, 1997, p. 96)

O ensino era totalmente ligado à Igreja. Mas, dentre todo o meio medieval, a Igreja Católica era detentora dos meios para que de fato viesse validar a mesma. Ao longo dos anos, com o aparecimento das grandes cidades, as universidades passaram a ficar mais numerosas, porém, as mais reconhecidas e conceituadas eram ligadas à igreja.

A figura do intelectual, no ocidente medieval, tinha sua origem nos clérigos.

De fato, os clérigos eram descendentes da linhagem primeiros intelectuais. Sobre a figura do clérigo, Le Goff apresenta a seguinte descrição:

Esse clérigo é o descendente de uma linhagem original no Ocidente medieval: a dos intelectuais [...] Não é o resultado de uma escolha arbitrária. Entre tantas palavras: eruditos, doutos, clérigos, pensadores (a terminologia do mundo do pensamento sempre foi vaga), essa designa um meio de contornos bem definidos: o dos mestres das escolas. Anuncia-se na Alta Idade Média, desenvolve-se nas escolas urbanas do século XII, desabrocha a partir do século XIII nas universidades (Le Goff, 2006, p.23)

Nessa nova atmosfera que vem surgindo, podemos ainda citar outro ponto de Le Goff no qual vemos claramente a referência voltada a esse intelectual, onde o mesmo complementa a descrição já dada, citando que o ofício do intelectual consistia em pensar e ensinar seu pensamento, visto que, a reflexão pessoal e a difusão da mesma em um ensino caracterizava o intelectual. O mesmo acaba sendo definido como um professor e um erudito, se tornando um pensador por ofício (LE GOFF, 2006).

Sendo assim, o ensino acaba por estar ligado à figura do intelectual, que agora representa o ponto de transmissão do saber que fora recuperado e preservado do período de declínio promovido com a queda do Império Romano do Ocidente, que veio seguido por um período de invasões bárbaras.

3. EDUCAÇÃO SUPERIOR: O ENSINO COMO FOCO.

3.1 A FIGURA DO INTELLECTUAL NA IDADE MÉDIA.

A intelectualidade na Idade Média, de fato, se iniciou com o trabalho dos monges. Porém, em longo prazo, com o surgimento das grandes cidades, notamos um crescimento voltado a figura de professores, de eruditos, de pessoas que de alguma forma eram ligadas as letras, a caligrafia e ao ensino.

O trabalho feito pelos monges copistas acabou por conservar toda a cultura grego romana e embora se tenha perdido muito por meio das invasões bárbaras e em ataques a mosteiros, fora preservada grande parte cultural dos séculos anteriores e, por meio disso, se teve a base para a intelectualidade que viria surgir séculos mais tarde.

Podemos iniciar nossa abordagem, acerca dos intelectuais na Idade Média, por volta do século XII, onde, segundo Le Goff, o intelectual tem sua origem nas cidades por meio do chamado crescimento urbano, onde notamos a presença dos chamados “homens de ofício” que eram, nada mais que, uma dita adaptação ao ritmo urbano voltado a uma divisão de trabalhos. (LE GOFF .2006)

É interessante resaltar que, antes do surgimento das cidades, tinha-se uma divisão do meio social, onde o servo iria trabalhar e cultivar, o nobre iria lutar e defender, e o clérigo iria atuar como um mediador do meio natural para o sobrenatural.

Sobre a questão dos homens de ofício e da presença do intelectual, podemos nos basear na explicação e descrição que Le Goff apresenta, onde:

Um homem cujo ofício é escrever ou ensinar, e de preferência as duas coisas a um só tempo, um homem que, profissionalmente, tem uma atividade de professor e de erudito, em resumo, um intelectual – esse homem só aparecerá com as cidades. (LE GOFF, 2006, p.30)

Outro grande ponto a se destacar volta-se ainda no ambiente urbano, mais precisamente nas consequências que o são advindas do surgimento do mesmo. De fato, a organização das ditas cidades medievais não vieram de forma inesperada ou desorganizada. Mas as grandes cidades, que já se fortaleciam por volta do século XI, possuíam traços marcantes, como grandes muralhas para sua defesa e uma extensa e organizada administração que se baseava no meio social e militar.

Sobretudo, havia cidades vindas dos antigos moldes das cidades romanas situadas no chamado Baixo Império. Porém, a forma que a as mesmas viriam a se organizar, sem defesas e sem uma administração organizada, propiciavam um baixo número de habitantes, impedindo, assim, um ambiente propício para os “homens de ofícios” que eram eruditos. (LE GOFF, 2006)

É importante destacar que o ensino rudimentar citado anteriormente, neste período entre os séculos XI e XII, acabou por enfrentar uma grande crise, onde temos um crescimento dos grandes centros urbanos e o aprimoramento do mesmo. Os antigos campos e pequenos centros de ensino ficavam desvinculados da nova organização urbana. Sendo assim, é importante citar que:

Esse período não tem nenhum dos traços quantitativos que, parece-nos, a noção de renascimento carrega em si. Se nele melhora a cultura dos filhos dos nobres, alunos na escola do Palácio, futuros clérigos educados em

alguns centros monásticos ou episcopais, por outro lado quase acaba com os restos do ensino rudimentar que os mosteiros merovíngios espalhavam entre os filhos das terras vizinhas (LE GOFF, 2006, p.31)

A explicação para esse fato, se volta acerca da grande reforma da ordem beneditina de 817, que veio a ser sugerida por Luís, o Piedoso. Tal reforma buscava o ensino do monaquismo beneditino primitivo, onde, ocorre o fechamento das escolas externas aos mosteiros. Tal ponto, para Le Goff (2006, p. 31), é tido como um “renascimento para uma elite fechada – numericamente fragílissima – destinado a dar à monarquia clerical carolíngia um pequeno viveiro de administradores e políticos”.

Voltados à atmosfera dos intelectuais medievos, é importante citar sobre os Goliardos. Para Le Goff, os Goliardos eram um estranho grupo de intelectuais que se encontram envoltos, muitas vezes, em uma cortina revestida de anonimato. Eram tratados como boêmios e vagabundos. É possível se notar a presença de fragmentos históricos que tratam a biografia dos mesmos, onde se tem uma relação de poesias que seguem com sua autoria, juntamente com textos mais contemporâneos que na grande maioria transmitem uma visão negativa sobre os mesmos.

Segundo Le Goff (2006), dentre os Goliardos era comum se encontrar pessoas de diversas origens urbana, camponesa ou nobre. Se caracterizaram como errantes, e, representavam um detalhe em meio do despertar do comércio, do surgimento das cidades e do surgimento de uma nova atmosfera social e intelectual.

Sendo assim, encontramos na figura dos Goliardos a fundação de escolas urbanas, onde grupos de estudantes pobres acabam por se tornarem criados. Esses estudantes pobres e sem posses, não eram ligados a nenhum local fixo, tão pouco possuíam algum benefício, onde acabam por seguir seus estudos.

Soma-se, ainda, outra forma a qual as pessoas tinham acesso à educação, que era por meio da presença das ordens mendicantes. As cidades acabaram por atrair a presença dessas ordens mendicantes. Vale citar que as mesmas eram voltadas à dedicação aos estudos. Oliveira cita sobre esse processo onde:

As ordens mendicantes, no século XIII, confundem-se com as cidades. Os frades pregadores não podem mais viver isolados de seus fieis. Sua principal missão, especialmente para os Dominicanos, era a evangelização e o ensino. Por conseguinte, não poderiam habitar outro espaço que não fosse o da cidade. (OLIVEIRA,2009, p.145)

O fato da presença de ordens mendicantes nas cidades nos serve como um lembrete sobre a grandiosidade do renascimento urbano e nas consequências que o mesmo gerou.

Juntamente com as grandes cidades, temos os intelectuais. É justificável esse fato por meio do desenvolvimento urbano, que era ligado às funções comerciais e industriais. Paralelamente a elas, se tinha o intelectual, como um homem de ofício, se adequando a esta divisão social, conquistando seu espaço, se instalando nas cidades e integrando o ambiente urbano. (Le Goff,2006)

3.2. A UNIVERSIDADE COMO CENTRO DO SABER.

A universidade, na Idade Média, serve como um dos maiores argumentos para quebrar a dada visão preconceituosa de atraso e repressão intelectual.

Dentre o meio medievo, a universidade estava ligada a Igreja Católica, visto que sua criação veio por meio da mesma. Segundo Thomas Woods JR, as universidades começaram a ganhar forma por volta da segunda metade do século XII, onde a mesma, como instituição, já possuía as divisões em cursos, exames e títulos, tais como nos dias atuais. O desenvolvimento do sistema universitário vem como uma forma de mostrar que a mesma era uma manifestação do interesse da preservação do saber. (WOODS JR. 2010)

A configuração das universidades era voltada a um grupo de características que a mesma deveria apresentar. Podemos resumir a condição de uma universidade e suas características da seguinte maneira:

Uma universidade possuía um núcleo de textos obrigatórios, com base nos quais os professores faziam as suas preleções e ao mesmo tempo espunham idéias próprias. Caracterizava-se também por estabelecer currículos acadêmicos bem definidos, que duravam um número de anos mais ou menos fixo, assim como por conferir diplomas. A concessão do título de “mestre” permitia a quem o recebesse o acesso ao grêmio dos docentes, tal como um artesão elevado a mestre era admitido no grêmio de sua profissão. Embora muitas vezes as universidades tivessem de batalhar junto das autoridades externas pela sua autonomia, geralmente conseguiam-na assim como seu reconhecimento legal como corporações (WOODS JR, 2010, p.47)

Como uma das várias formas de influência da universidade, tem-se o avanço das letras na Idade Média, que é realmente notável. A julgar pelo início da sociedade

medieval, onde a mesma se encontrava em meio à desordem causada pela queda do Império Romano, fora grande o avanço. Podemos usar como exemplo a poesia, que, de fato, já estava inserida neste meio antes mesmo da chegada das universidades. Porém, a mesma passou a ser presença marcada em todos os meios sociais da Idade Média, se estruturando ainda mais com o avanço do processo de ensino.

A literatura medieval produziu uma grande leva de manuscritos, visto que, boa parte dos mesmos ainda permanecem guardados em bibliotecas. Podemos usar a afirmação de Regine Pernoud para exemplificar tal fato:

Em contrapartida, inteiramente brotada do nosso solo, a literatura medieval reproduz-lhe os menores contornos, os mínimos cambiantes. Todas as classes sociais, todos os acontecimentos históricos, todos os traços da alma francesa nela revivem, num fresco deslumbrante. É que a poesia foi a grande ocupação da Idade Média e uma das suas paixões mais vivas. (Pernoud, 1997, p.109)

Além disso, a literatura e a poesia medieval acabaram por se interligarem as demais ciências. A própria ciência medieval se mostra ligada diversas vezes a fatores que depediavam de algo mais além do que o intelecto, onde seu domínio se via muitas vezes ligados à poesia e à imaginação do homem medieval. (PERNOUD,1997)

A presença da universidade no meio medievo, muitas vezes, se mostrava conflituosa, onde se tinha um misto de opiniões. De fato, o comportamento de diversos estudantes acabavam por gerar a antipatia de muitos, porém, os mesmos movimentavam o meio econômico por conta do dinheiro que traziam. Era comum ouvir de estudantes e professores sobre o tratamento abusivo que recebiam dos habitantes das cidades próximas às universidades, onde os mesmos aumentavam os preços de aluguéis, refeições e até mesmo livros. (WOODS JR, 2010)

É importante citar que, em meio a essas queixas, a Igreja passou a conceder o chamado benefício do clero, que era uma proteção que os clérigos possuíam dentro do meio medievo, onde maltratar o mesmo era considerado um crime grave. Assim “os estudantes universitários, como atuais ou potenciais candidatos ao estado clerical, passaram a também gozar desses privilégios” (WOODS JR, 2010, p.49)

Parte dessa repudia tem sua origem por conta do comportamento inadequado e, em alguns casos, imoral presente nesse contexto. É importante citar que o

conceito de imoralidade presente na Idade Média apresentará características totalmente diferentes dos conceitos contemporâneos que possuímos.

Parte de tal comportamento inadequado e imoral se fazia presente nas artes, em especial na poesia. A mesma que estava ligada, em muitos casos, à ciência, à oratória e até mesmo ao sagrado, por vezes acaba por apresentar elementos que integravam a sociedade medieval, os quais não eram bem vistos.

Le Goff cita sobre tais pontos imorais e, em seu contexto, os mesmos seriam pontos que, em geral, eram marginalizados:

É difícil recusar a muitos o caráter revolucionário que revelam. O jogo, o vinho, o amor: eis a trilogia que basicamente cantam – que provocou a indignação das almas piedosas de seu tempo, porém inclinou mais à indulgência dos historiadores modernos (Le Goff, 2006, p.50)

De fato, a universidade veio a ser uma criação da Igreja Católica e os grandes centros urbanos, em geral, possuíam universidades que eram pertencentes a Igreja, porém, a quantidade de alunos, mestres e universidades, dificultava a fiscalização da Igreja.

Sobre o que diz respeito à postura da Igreja e as Universidades, é certo afirmar que, por diversas vezes, o papado veio a desempenhar um papel fundamental na criação e manutenção das universidades. “Trinta e três delas possuíam estatuto pontifício; quinze estatuto real ou imperial; vinte gozavam de ambos e treze não tinham nenhuma credencial” (WOODS JR, 2010, p 47)

De fato, haviam um dado concenso que as universidades deveriam emitir diplomas, porém, os mesmos deveriam ter a aprovação do papa, do rei ou imperador, fato esse que legalizava ainda mais o poder da universidade e legitimava seus ensinamentos, deixando assim a figura dos já graduados dotadas de uma dita seriedade intelectual, visto que o mesmo diploma era reconhecido por uma das autoridades reais. Vale citar ainda sobre os diplomas que eram emitidos por monarcas nacionais, nesse caso, o diploma seria válido apenas no território do reino o qual fora emitido. (WOODS JR. 2010).

4 IDADE MÉDIA E SUA REPRESENTAÇÃO.

4.1. O IMAGINÁRIO “MODERNO” REFERENTE À IDADE MÉDIA.

Ao longo dos anos, uma visão dotada de preconceito e atraso passou a envolver a Idade Média. De fato, tais atributos, injustamente dados à mesma, causaram uma série de enganos que perduram até os dias atuais. Um dito imaginário “moderno”, voltado a Idade Média, pode ser explicado por conta de algumas idéias, pensamentos e correntes filosóficas contidas nesse período, que se voltavam a uma nova visão, um renascimento das características do homem e de seu meio.

O imaginário moderno faz referência a uma Idade Média, onde, não se teve progressos ou avanços, em muitos casos, uma grande noite de mil anos. Podemos exemplificar rapidamente alguns pontos da Idade Média para se quebrar essa visão de atraso.

Começando com Regine Pernoud que exemplifica boa parte da visão de atraso voltada a Idade Média, onde a mesma cita que, embora se tenha a existência de um grande número de obras literárias, as mesmas permanecem “uma curiosidade de erudito, ou o que é mais perigoso, serve de pretexto a evocações bastante superficiais” (PERNOUD, 1997, p.107)

Além disso, boa parte dos clássicos, que serviram de foco e inspiração para a literatura moderna, foram preservados graças a atitude da Igreja perante o período turbulento o qual a queda do Império Romano trouxe. Vale citar ainda que:

Temos que, até ao fim do século XIX, no conjunto, clássicos e românticos se submeteram voluntariamente a uma disciplina inspirada quer pelos Gregos e Latinos, quer pelo estrangeiro. Para encontrar um verdadeiro desenvolvimento do espírito francês, uma literatura pessoal, pura, despojada de qualquer empréstimo, fora do nosso século XX, é preciso recorrer á Idade Média. Obstinar-se em nada ver para além da Renascença é multitar-se da mais autêntica manifestação do gênio da nossa raça; é de resto, ignorar uma época durante a qual precisamente a civilização e as letras francesas foram imiadas por toda a Europa; é sobretudo privar-se de um tesouro incomparável de poesia, de inspiração, de grandeza – o mais rico, o mais colorido, o mais comovente, de todos (Pernoud. 1997. P, 108)

Pernoud ainda cita características que viriam a influenciar as obras literárias modernas, onde a construção de um herói e toda sua simbologia, de fato, estavam inseridas no próprio contexto social. Basicamente, podemos usar as palavras de Pernoud, onde ela apresenta a seguinte afirmação:

Dotados de uma faculdade de assimilação extraordinária, os autores desta época trataram os seus heróis como seres vivos, actuais, cuja existência não tivesse sido deslocada na sociedade em que eles próprios se encontravam. Eles não tiveram necessidade de lhes criar uma atmosfera artificial para os justificar (PERNOUD,1997,p.112)

Pode-se ainda comprovar tal afirmação de uma visão errada acerca da Idade Média, citando algumas ideias de movimentos e correntes filosóficas modernas que mostram toda a amplitude do dito “pensamento moderno” e sua disseminação.

Um dos movimentos modernos mais reverenciado é o Renascimento. O mesmo que tinha em sua essência a volta aos modelos culturais clássicos - onde visavam sobretudo o racionalismo e o humanismo - só veio a ser realizado graças a Idade Média, que preservou todos os preceitos da antiguidade para que o homem moderno pudesse ter contato com o mesmo (FRANCO JR. 2001)

Vale destacar ainda que, no campo das ideias, tivemos o Iluminismo que tinha por objetivo trazer as luzes as sombras do homem. Em sua definição, podemos dizer que:

Este período, compreendido entre fins do século XVII e fins do século XVIII, e também conhecido como século das luzes, caracterizou-se pela crítica a toda e qualquer crença, pela crítica aos próprios instrumentos utilizados para a obtenção de conhecimento. (AIUB, 2008, p.1)

Ligado ao Iluminismo, temos um dos mais famosos e cultuados pensadores deste período, que se consolidou até os dias atuais Immanuel Kant. O mesmo veio a estabelecer uma crítica aos limites da razão humana e, conseqüentemente, mostrar uma relação da mesma com o conhecimento. (AIUB. 2008)

Outros pontos da ideia de Kant se voltavam ao chamado esclarecimento, onde o homem só conseguiria sair de sua condição de menoridade por intermédio do mesmo. Todos esses pontos apresentados se baseiam totalmente na capacidade do homem em utilizar de sua razão para chegar a um novo patamar, totalmente esclarecido e pensando por si próprio.

Sendo assim, quando Kant apresenta a chamada razão e estabelece uma divisão das duas em um uso público e privado, que em sua definição é:

O uso privado ocorre quando estamos desempenhando uma determinada função que exige, mediante “unanimidade artificial” uma passividade[...] O uso público da razão diz respeito à “qualidade de sábio” que nos permite pensar por nós mesmos, discorar e expor nossos pensamentos, provocando também o pensamento de outros (AIUB, 2008,p. 3)

Podemos estipular que o uso da razão se assemelha a uma “passividade”, digna de uma conduta ou regra. A mesma se aplicada a um uso particular acaba adquirindo características de um sábio, e se mantém guiando os indivíduos em sua conduta.

Vale ainda relacionar um ponto da educação clássica que é semelhante a esse preceito e que, por intermédio da Igreja Católica, onde suas ações de preservar o conhecimento em meio à queda do Império Romano, vieram a possibilitar a formação de tal pensamento. Podemos iniciar com a seguinte ideia:

Werner Jaeger, autor do clássico *Paidéia*, referindo-se à educação grega nos tempos de Homero, fala de um código de nobreza cavaleiresca, regendo a vida do homem nobre que, na vida privada como na guerra, rege-se por normas certas de conduta, alheas aos comuns dos homens. (GROSS 2008 apud JAEGER, 1986, p.20).

Sendo para tal modo, é de fato injusto atribuir à Idade Média o título de atraso. Tais preceitos citados foram totalmente preservados durante a própria Idade Média, desde o armazenamento em mosteiros, até mesmo a transcrição dos primeiros exemplares e manuscritos da educação clássica. Ao longo do tempo, a Igreja Católica acabou por “configurar a civilização que vivemos e nosso perfil humano de muitas maneiras além das que costumamos ter presentes” (WOODS JR, 2010 p,11).

Tal ato, apenas manteve intacto todo o conhecimento e os meios necessários para que o “homem moderno” viesse a ter acesso e, a partir dali, iniciar o seu “século das luzes”, onde as mesmas já se encontravam presentes a muito tempo.

4.2 A REAL IDADE MÉDIA ALÉM DA VISÃO MODERNA.

Dentre todos os períodos históricos, a Idade Média se faz um dos mais ricos e detalhados, repletos de dados que mostram toda a formação humana, em especial, a formação ocidental. A grande problemática se faz presente na forma de apresentação da Idade Média, que:

Até época bem recente, era exclusivamente por engano ou, digamos, por acaso, que se tomava contato com a Idade Média. Era preciso ter curiosidade pessoal e, para despertar essa curiosidade, um impacto, um encontro. Um portal românico, uma flecha gótica, durante uma viagem; um quadro, uma tapeçaria, em qualquer museu ou exposição; suspeitava-se, então da existência de um mundo até então mal conhecido. (PERNOUD,

1979, p 11)

Por conta de uma visão degradante, divulgada a partir do século XVI, constrói-se uma total má interpretação do que de fato foi a Idade Média. É inegável a grande contribuição da Idade Média para a forma e moldes do ocidente cristão, assim como o conhecimento produzido durante tal período, que se faz rico e até os dias atuais e ainda é marcado e catalogado. (FRANCO JR .2001)

Sobre uma das mais conhecidas afirmações “modernas” a qual citava que a Idade Média nada mais foi que um período de mil anos de atraso, podemos responder a esta por conta da seguinte afirmativa de Pernoud:

Ora, os mil anos em questão viram o desabrochar e o desenvolvimento da epopeia francesa (quem disse que os franceses não tinham pensamento épico cometeu não só um erro histórico mas, também um erro literário) a invenção de um gênero novo, o do romance, desconhecido na antiguidade clássica; enfim, o nascimento da lírica palaciana que enriqueceu com novas cores o tesouro poético da humanidade (PERNOUD,1979, p 38)

Outra contribuição vinda da Idade Média, também mostrada por Pernoud, vem complementar ainda mais o meio cultural:

Entretanto, na própria Alta Idade Média viu –se o livro tomar a forma com que se apresenta até hoje, o codex, instrumento de cultura, que daí em diante substituiu o volume, o rolo antigo, a imprensa não poderia prestar os serviços que prestou senão graças a invenção do livro. É igualmente, nesta época que foi elaborada linguagem musical usada no Ocidente até hoje. (PERNOUD, 1979 p.39)

Ainda hoje, é lamentável que a descrição dada ao movimento iluminista seja aquela de que o mesmo fora a luz em meio às trevas de uma noite de mil anos. Consequentemente, todas as verdades ditas modernas não passam de informações contraditórias, que com pouco esforço e estudo se mostram ruidosas. Dentre os autores que trabalham tais conceitos, Hilário Franco JR apresenta uma série de argumentos que desmistificam a visão preconceituosa da “modernidade”, onde podemos começar citando que:

De início, notemos que na verdade as especificidades “modernas” são apenas quantitativamente diferentes das “medievais”. Contudo, como no período 1450- 1550 as mudanças sucederam com uma rapidez espantosa para seus contemporâneos, essa impressão acabaria por marcar a historiografia por muitos séculos (FRANCO JR, 2001 p. 216. Versão digital)

Tal rapidez, advinda dos frutos da Idade Média, se faz justamente presente

nos momentos iniciais da chamada Idade Moderna. Os grandes pontos que vieram a acontecer, desde o progresso científico até o avanço marítimo e o dado “progresso intelectual”, que é muito estimado, nada mais eram do que reflexos medievais.

Os chamados movimentos modernos, que podemos listar como Renascimento, Protestantismo, Descobrimento e Centralização, tiveram toda sua origem nas raízes medievais. É interessante analisar ainda que tais fatos passam despercebidos, onde a Idade Média será vista apenas como um período de ruptura, quebrando uma ordem imaginária de evolução.

Hilário Franco Junior nos mostra bem um exemplo de tal afirmação, onde cita que:

Todas as características que o Renascimento, presente nos séculos XV e XVI, possuía e que faziam adoração aos modelos clássicos, que foram os mesmos que a Idade Média veio a conhecer, e em especial, veio a preservar durante a queda do Império Romano. O contato que, boa parte dos renascentistas vieram a ter, com a Antiguidade, fora por meio da Idade Média. Nas palavras de Franco JR “embora o Renascimento só invoque a Antiguidade, é realmente o filho ingrato da Idade Média” (FRANCO JR 2001, p. 217 versão digital)

O chamado retrocesso cultural, que muitos pregam e que veio a dar razão a famigerada expressão “Idade das Trevas”, se mostra cada vez mais falho. De fato, temos a Igreja Católica que formou e manteve todas as bases da sociedade deste período, ao modo que, tais fatos são vivíveis até hoje. Em nenhum momento ocorre a negação de um período marcado por um retrocesso cultural, porém boa parte dos fatos aqui presentes e mostrados são ora mal vistos, ora mal interpretados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, nota-se que o homem sempre estará ligado ao ensino e a educação. A mesma, ao longo do tempo, passou a ser uma companheira de longa data, trazendo para si a função de libertar o homem da ignorância, trazendo para o mesmo a função de aprendizado e difusão de seu ensino.

O que era iniciado na Grécia foi preservado e melhorado na Idade Média, reproduzido na Idade Moderna e visto na Idade Contemporânea e isto é, nada mais

que, a real forma de evolução do homem, onde temos a criação de um pensamento crítico e de todas as suas vertentes.

É correto afirmar que, tal educação difundida hoje, por meio de diversos processos de ensino, de fato são provenientes da Idade Média, especificamente da ação da Igreja Católica que, em termos realistas, acabou por construir todos os moldes do ocidente. (WOODS JR 2010). Moldes esses que possibilitam a uma série de avanços e retrocessos intelectuais e que se fazem presentes até hoje, revelando assim os benefícios e malefícios de uma conduta de ensino.

Um dos pontos que merece ser citado vem justamente do pensamento de Regine Pernoud (1997), onde a mesma cita que, para se descobrir a verdadeira riqueza da Idade Média é necessário aguçar sua curiosidade, para então encontrar pequenos pontos e fragmentos a serem ligados. Ao se ter tais ligações, temos a solução de um grande quebra cabeças.

Vale citar ainda que por intermédio do processo de ensino na Idade Média, tivemos a preservação de grandes textos clássicos e medievais, para tanto, podemos apontar os escritos de Santo Agostinho, que até hoje é reconhecido e reverenciado como um grande homem de seu tempo, sendo poeta, filósofo e sábio.

Uma das grandes dificuldades de tal trabalho foi selecionar de forma direta os pontos a serem tratados, pois, em meio a tamanha riqueza de conteúdo e material, acabamos por encontrar uma série de ramificações do processo de ensino, cada uma destas levando a áreas diferentes.

E por fim, talvez esta que foi uma grande dificuldade possa servir de base inicial para uma continuação desta pesquisa, visando, assim, englobar e aprofundar pontos que por ventura não vieram a fazer parte da linha de pesquisa principal. Tal ato nada mais seria que uma comprovação da afirmação de que a curiosidade acaba por revelar os grandes tesouros do meio medievo.

ABSTRACT: This study aims to identify the emergence of schools and universities in the Middle Ages, analyzing the influence of the Catholic Church in the process of repair and restructuring of education existing in this period. In the course of this work, there is an approach regarding the influence of classic teaching and the way that it is consolidated during the Middle Ages, forming a nucleus of intellectuals, and founding universities, in a time where knowledge ends up spread all over through medieval. It deserves mentioning that, through a methodology based in the literature review that is based on conventional and virtual sources, there is the delay view of the break and the absence of "modern" refers to the Middle Ages, where it has a real approach of this period, featuring all of the factors that link the Middle Ages the preservation and salvation of teaching and western ways.

Key words: Middle Ages, West, Education, Catholic Church.

REFERÊNCIAS

AIUB.Monica. **Kant e o Iluminismo: Pensar por si mesmo**.Pdf. Disponível em < http://institutointersecao.com.br/artigos/Monica/Kant_e_o_Iluminismo-2.pdf > Acesso em 26 ago 2015.

EKMAN FABER. Marcos Emílio. **O Nascimento da Idade Média a partir da análise comparativa das obras: passagens da antiguidade ao feudalismo e declínio e queda do Império Romano**. Disponível em <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/espum/marcosfaber.pdf> > Acesso em 27 jul. 2015.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**.. 2º ed. revisada e ampliada. São Paulo: Brasiliense, 2001. Versão Digital. PDF Disponível em : < <http://minhateca.com.br/ebooksrdantas/Pensadores+Epubs/Hilario+Franco+Junior+-+A+Idade+Media+-+O+Nascimento+do+Ocidente,20211815.epub> > Acesso em 04

mar. 2015.

GROSS.Renato. **Paidéia: Educação, sociedade e política na Grécia Antiga**.Pdf. Disponível em < http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n1/PAIDEIA_-EDUCACAO,-SOCIEDADE-E-POLITICA-NA-GRECIA-ANTIGA.pdf > Acesso em 26 ago. 2015.

JACQUES. Le Goff. **Os Intelectuais na Idade Média**. Tradução de Marcos de Castro. 2º ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

OLIVEIRA, Terezinha. Ensino e Prudência: Aspecto Essenciais á Ética em Santo Tomas de Aquino.. Junho de 2009. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n 34, p. 142 -153 jun.2009 – ISSN: 1676-2584. Pdf. Disponível em < http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/34/art09_34.pdf > Acesso em 17 nov. 2014.

OLIVEIRA SILVA. Maria Aparecida de. **Praticas de Educação na Antiguidade: um olhar sobre a Paidéia de Plutarco**. Travessias nº 1. Pesquisa em educação, cultura, linguagem e arte. 2005. Pdf. Disponível em < http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/educacao/PR%C1TICAS%20%20DE%20EDUCA%C7%C3O%20NA%20ANTIG%DCIDADE.pdf > Acesso em 26 ago. 2015.

PERNOUD, Regine. **Idade Media; o que não nos ensinaram**. Tradução de Mauricio Brett Menezes. Rio de Janeiro: Agir, 1979.

PERNOUD, Regine. **Luz sobre a Idade Média**. Março. 1997 Publicações Europa-América. Versão digital. Pdf. Disponível em: < http://minhateca.com.br/Martinho.Guedes/Documentos/Hist*c3*b3ria+Medieval/Regine-Pernoud-Luz-Sobre-a-Idade-Media,7161676.pdf>. Acesso em 18 nov.2014.

WERNER.Jaeger. **Paidéia: A formação do homem grego**.Tradução Artur M. Parreira. 3º edição.Editora Martins Fontes.Sao Paulo. 1995

WOODS JR. Thomas E. . **Como a Igreja Católica construiu a Civilização Ocidental.** Tradução de Élcio Carillo; revisão de Emérico gama. São Paulo: Quadrante, 2010.